

## **INDAGAÇÕES DE UMA DOCENTE EM FORMAÇÃO: DIALOGIA NO ENSINO MÉDIO?**

Jasmin Bruna Stariolo; Bernardo Leivas de Almeida; Márcia Maria e Silva

*Universidade Federal Fluminense – [jasmin.stariolo@gmail.com](mailto:jasmin.stariolo@gmail.com)*

### **INTRODUÇÃO**

Sou estudante de Ciências Biológicas, da Universidade Federal Fluminense. Meu pai é físico e minha mãe, artista. Sempre fui incentivada a levantar dúvidas e a buscar criatividade. Nada mudou quando entrei na universidade. Essa postura investigativa se mostrou quando ingressei no curso e mudei a forma de ver a educação. Neste texto, quero problematizar um tema que me inquieta a ponto de se transformar em objeto de pesquisa: a minha própria voz, como discente, e o saber ouvir outras vozes, enquanto docente em formação.

Todos que nos fazemos presentes neste trabalho, como pesquisadores ou leitores, já fomos estudantes de ensino médio. Nessa condição, quantas vezes não concordamos com o que o professor dizia? Quantas vezes expressamos nossa divergência de pensamento para o professor? Temos “medo da liberdade”? (FREIRE, 1994), medo de poder conhecer o desconhecido? Temos medo de alterar a cultura do monólogo dentro da sala de aula?

Esse trabalho é fruto de uma disciplina totalmente fora do comum, ministrada, no segundo período do ano de 2017, pela professora Marcia Maria e Silva, da Universidade Federal Fluminense. Para tratar sobre a confiança e a voz própria, temas centrais a serem discutidos, usarei como recursos alguns fundamentos teóricos de Freire, explicarei um pouco da adolescência por meio de Knobel (1981) e me fundamentarei em meus próprios pensamentos por meio, principalmente, da última aula de didática e outras memórias do tempo da escola e da faculdade. Outros trabalhos redigidos por meus colegas, como o Bernardo Leivas de Almeida e Ian Klein da Silveira, tratam um pouco mais sobre outras aulas, e irão conversar de forma muito intensa com este trabalho.

## DOCÊNCIA E FORMAÇÃO

Por que até hoje existe esse forte pensamento de que os alunos são folhas de papel em branco que devem ser completadas com conteúdo imposto? Por que um professor tem que “completar” esse papel e não pode ser o próprio aluno a fazê-lo? E toda a voz que ele já possui ao chegar na escola? Quem escuta essa voz? Quem se importa com essa voz?

Knobel (1981) trata da “Síndrome normal da adolescência”, considerando um período denso de grandes questionamentos e medos. A falta de coragem de enfrentamento foi seguida da falta de autoconfiança. Na minha primeira aula de Botânica IV, a professora, fez uma simples pergunta: O que eu sei que vocês não podem saber? Como eu, *mera aluna*, seria capaz de saber tudo que minha professora, *doutora*, sabe? “Tudo que eu sei vocês podem abrir um livro, ler artigos e aprender. Não há nada que eu saiba, que vocês são incapazes de saber sozinhos, a não ser, talvez, por alguns detalhes da minha vida pessoal”. Nesse momento, tudo que eu tinha como verdade, a respeito da educação, se rompeu e percebi que tanto quanto eles, professores, eu também *tenho voz* e também devo ouvi-la. Parece um processo fácil dizer que devemos parar de ouvir somente o professor e começar a ouvir a si, mas justamente por não ser imediato, uso aqui a palavra *processo*.

Devemos ter em conta que o trabalho feito pelo aluno não deve ser a de tomar o lugar ou se sobrepor ao professor, pelo contrário, eles devem aprender que os dois podem e devem expressar-se dentro da sala de aula, de maneira igual – “(...) libertar-se a si e aos opressores (...)” (FREIRE, 1994). O aluno não deve agir de maneira individual para “libertar-se” da cultura do monólogo, mas também deve trabalhar com o professor, que está igualmente preso. Sendo assim, iniciam-se 3 momentos a serem superado.

Primeiro ocorre uma aversão a esse novo modelo de voz e de ouvinte, pois é algo que “dá trabalho”, mas o que é esse “dar trabalho”? As pessoas dentro da sala de aula já estão acomodadas em seus devidos “papeis”, sair dessa zona de conforto implica mudar os papéis de cada um e sermos protagonistas do nosso próprio processo de formação, algo a que não estamos habituados. Portanto, as pessoas fogem dessa mudança e prendem-se ao tradicional, ao conhecido. Todos devem perceber o peso da importância de ouvir outras vozes e a si mesmos para então querer enfrentar algo que dá tanto trabalho. Freire (1981, p. 8) explica essa importância na percepção de necessidade da mudança de papéis para levá-lo ao comprometimento quando disse: “Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo (...) somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se”.

Em seguida, surgirá um segundo momento: o docente deve aprender a ouvir e o discente deve aprender a falar. Uma forma de ensino baseado no monólogo, que é seguida há muito tempo, será redimensionada para uma possível construção de uma nova forma de aprendizado e de construção de ideias. Por parte do professor, não basta pôr alunos na frente da turma e pedir que falem. O docente deve reconhecer o momento de ceder sua voz e de fato ouvir o que o aluno tem a dizer. Os discentes querem sentir que estão sendo ouvidos e só assim terão vontade de se manifestar. Já, por parte do aluno, este deve perceber que tem a autonomia de aprender sem precisar necessariamente do apoio do professor. Assim, pode adquirir mais autoconfiança, sentindo-se mais à vontade para participar das aulas. As palavras de Freire (1994) podem nos ajudar a entender um pouco mais o que é esse saber ouvir e saber falar que precisa ser trabalhado:

“O caminho por isto mesmo, para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária, não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles” (FREIRE, 1994, p. 30).

Quando esse segundo momento é superado, surge um terceiro. Nós, ex-estudantes de Didática, acreditamos ter sido um dos momentos de maior peso, fazendo-nos não escrever um ponto final na disciplina, uma vez que estamos aqui de volta a tratar dela. Estabeleceu-se a confiança. Posso dizer por minhas experiências, nas aulas de Didática, que a confiança foi o ponto chave para eu começar a acreditar na minha voz. Não foi um feito desde o primeiro dia de aula. Eles (os momentos) podem ter ocorrido em diferentes tempos para cada indivíduo, contudo na última aula houve um momento onde laços foram formados por termos realmente conhecido uns aos outros. Quando a confiança entre todos é atingida, acreditamos que a sala se desestrutura daquela forma tradicional de professor/aluno cuja prática é monologada, bancária, voltada para a simples transmissão de conhecimento (FREIRE, 2002) e passa a reestruturar-se, com base no grupo, através do qual todas as vozes são importantes e igualmente ouvidas: "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão". (FREIRE, 1994).

A questão não é que alguma voz deve ser mais silenciada para outra ser ouvida, não é de que os alunos devem passar a ser autodidatas e o professor ser abolido, mas é como essa nova estrutura de diálogo dentro da sala de aula deve ser trabalhada com todos, sem a necessária dependência de ninguém, mas com a necessária participação de todos.

Se esses 3 momentos fossem trabalhados por todos, na escola, os indivíduos envolvidos naquele grupo, além de saírem com conhecimentos teóricos ainda mais trabalhados e discutidos,

sairiam como cidadãos autoconfiantes, e que também aprenderam a ouvir e dar importância a outras vozes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se esses momentos, discutidos e trabalhados, ocorressem no ensino médio, este estaria muito mais apto a receber adolescentes, pessoas passando por um momento tão complexo no desenvolvimento e entendimento do mundo e de si. Assim, seria um local onde eles poderiam se encontrar e desenvolver uma melhor autoconfiança, e não se sentiriam reprimidos e desenvolveriam essa aversão pelo ensino médio, que é tão comum há tanto tempo; o adolescente não quer ser pressionado a saber fórmulas e teorias, ele está passando por outras preocupações que a puberdade traz, como namoros, amizades, família e encontro de si mesmo. Então por que o ensino médio não trata assuntos teóricos a serem trabalhos em cima desses temas que são os que norteiam a vida de um adolescente? (KINDEL, 2012) Essa pergunta não se pode responder num simples parágrafo, mas sim num novo trabalho de pesquisa a ser desenvolvido. Knobel (1981) deixa claro em seu trabalho que somente quando os adultos entenderem e compreenderem a complexidade nesse momento de intenso desenvolvimento pessoal e corporal, os adolescentes poderão viver (e conseqüentemente, aprender) de forma mais sadia e feliz.

## **REFERÊNCIAS**

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- FREIRE, P. Educação e Mudança. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KINDEL, E. A. A docência em ciências naturais: construindo um currículo para o aluno e para a vida. 1ªed. Porto Alegre: Edelbra, 2012.